

## Entre a teoria e a prática...

---

«Se conseguirmos ser professores intermulticulturais, talvez não venhamos a ser, (...) pois não podemos esquecer que as pessoas que nos julgamos hoje são fruto de uma escola ditatorial, onde o saber ler, escrever e contar, as ditas pedagogias visíveis, é que eram valorizadas e contestam de alguma forma as pedagogias invisíveis que tentamos implantar actualmente nas escolas?».

Assim escrevia uma aluna do 2º ano, numa reflexão sobre o contributo da Sociologia da Educação para a sua formação, enquanto futura professora do 1ºCEB. Tal fez-me retomar a ideia de que o Ensino Superior, por razões várias, escapa a quase todas as teorias educacionais, não sendo por isso passível de se lhe aplicar grande parte dos ensinamentos da Sociologia da Educação.

Assim, julgava eu, acontecia com a questão da interculturalidade! Até porque, do meu ponto de vista, a filtragem feita no Ensino Básico e mesmo no Secundário faria com que os alunos presentes na sala de aula fossem relativamente homogêneos.

Mais uma vez, grande *daltonismo cultural* da minha parte! Em primeiro lugar, a massificação parece ter atingido os níveis mais altos de ensino, simplesmente pela extensão da escolaridade obrigatória e conseqüente decréscimo do número de retenções, pelo menos até ao 9º ano de escolaridade. A filtragem é portanto hoje bem diferente da de há alguns anos atrás. Por outro lado, as licenciaturas para o ensino não registam médias de acesso particularmente altas. Assim, temos bons alunos do secundário a frequentar esta escola porque fica perto de casa e temos maus alunos que não conseguiram entrar na Universidade e por isso foram parar ao Politécnico. O cenário pode ser demasiado linear, mas demonstra que a *excelência escolar*, com todas as determinações sociais e culturais que o conceito carrega, não é um filtro tão eficiente quanto eu pensava e que, portanto, a realidade é bastante mais heterogênea do que eu acreditava.

Neste sentido, parece-me estar na altura de percebermos que a prática de uma educação intercultural deve passar a figurar entre as preocupações de um Ensino Superior que se quer, também ele, promotor *de igualdades de sucesso*. No caso concreto de uma escola de formação de professores, esta preocupação deve ser redobrada já que a frequente discrepância entre o que aqueles alunos ouvem e aquilo a que assistem só deixa aparentemente duas hipóteses: ou passam a pensar como eu pensava e entendem que o Ensino Superior é uma realidade a que não se aplica nenhum princípio educacional e esperam por ser professores para pôr em prática o que ouviram durante quatro anos; ou, então, concluem que uma coisa é o que o professor diz e outra é o que o professor. Neste caso, quando tiverem a seu cargo uma turma, longe do olhar avaliador dos professores, enveredarão possivelmente também eles pela via da monoculturalidade.

Por outro lado, este é um problema que não se põe só ao nível das aulas mais ou menos teóricas a que, de facto, me parece aplicar-se o velho ditado do *“faz o que eu digo não faças o que eu faço!”*, mas, também a julgar pelos ecos que nos chegam por parte dos alunos, se estende às práticas pedagógicas. É que, muitas vezes, os modelos que lhes são apresentados na prática correspondem ao professor monocultural, ao que acresce que nem sempre lhes é deixada margem suficiente de manobra para, nas suas actuações, porem em prática aquilo em que acreditam, gerando-se mesmo algumas situações de conflito entre as orientações dadas pelo professor cooperante e pelo professor supervisor.

Pois bem, eu acredito que, com todas estas dificuldades, algo fica nos alunos quando são sensibilizados para estas questões e que, nesse sentido, talvez um dia, quando as dificuldades da profissão docente começarem a surgir, se lembrem destes ensinamentos e comecem a olhar a profissão de outra forma, levando a cabo uma prática pedagógica mais reflexiva e enformada por preocupações interculturais. Afinal de contas estamos a actuar ao nível da formação pessoal, sobre valores e atitudes que estruturam a própria identidade, profissional mas também pessoal.

Assim se explica, em meu entender, o reconhecimento no currículo de áreas disciplinares como a Sociologia e a Antropologia enquanto saberes relevantes para a formação de professores, as quais, pela compreensão da complexidade da realidade social que viabilizam, estarão em condições de contribuir para a formação do *professor reflexivo*, actuando ao nível do *saber ser*.